

DESIGN, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO. UMA VISÃO SITUADA E TRANSVERSAL

DESIGN, EDUCATION AND TRAINING. A TRANSVERSAL AND SITUATED VISION

Bartolomeu Paiva⁽¹⁾

(¹Instituto Politécnico de Coimbra)

E-mail: bpaiva@esec.pt

Recebido: 10/01/2018

Aceite: 31/01/2018

Publicado: 22/03/2018

RESUMO:

A escola é uma identidade na qual o aprender e a reprodução do saber devem consubstanciar uma cultura educacional e formativa indutora da compreensão renovada do quotidiano social e consentânea com a emergência das complexidades do nosso tempo.

Baseados neste pressuposto e na expectativa da afirmação da escola para além da sua vocação epistemológica, defendemos uma visão curricular que integre referentes ecológicos, (est)éticos e cívicos capazes de a declarar como centro de conhecimento, cultura e lazer, na qual o paradigma interdisciplinar determine aprendizagens e saberes que contribuam para formas alternativas e qualificadas de comportamento social.

No âmbito disciplinar do design, importa considerar o seu papel mediador na aquisição de competências de índole teórica e prática aplicadas ao intercontexto físico, digital e social, ou seja, uma visão estratégica que não reduz o design à mera função ou predeterminação técnica da coisa, situando-o antes como disciplina didáctica e pedagógica na interpretação e compreensão mais apuradas dos significados e fenómenos do mundo contemporâneo – contrariando-se a tendência globalizadora de o reduzir a mero “objecto” de consumo e poder.

É no quadro destas perspetivas que as instituições de educação e formação nas áreas das artes e tecnologias, em que o design se inscreve, devem ampliar e promover o aprofundamento de competências de flexibilidade crítica para construir, reconstruir e renovar o conhecimento orientado para a reprodução de manifestações de convivialidade e aproximação social, com reflexos diretos na cultura educativa e formativa dos cidadãos.

Paiva, B. (2018). Design, Educação e Formação. Uma visão situada e transversal. DEDICA. REVISTA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES, N.º 13, março, 2018, 153-164. ISSN: 2182-018X

Palavras chave:

design, educação, formação, complexidade

ABSTRACT:

School is an identity in which learning, and knowledge reproduction should create an educational and formative culture that induces a renewed understanding of social daily life and is in line with the emergence of the complexities of our times.

Based on this assumption and the expectation of the school's position beyond its epistemological vocation, we defend a curricular vision that integrates ecological, aesthetic/ethical and civic references capable of declaring it as a center of knowledge, culture and leisure, in which the interdisciplinary paradigm determines learning and knowledge that contribute to alternative and qualified forms of social behavior.

In the study field of design, it is important to consider its mediating role in the acquisition of theoretical and practical competences applied to the physical, digital and social intercontext, that is, a strategic vision that does not reduce the design to the mere function or technical predetermination of the thing, but instead sets it as a didactic and pedagogical field of study in the clearer interpretation and understanding of the meanings and phenomena of the contemporary world - opposite to the globalizing tendency to reduce it to mere consuming and power "object".

It is within these views framework that education and training institutions in the areas of arts and technology, in which design stands, should broaden and promote the development of critical flexibility skills to build, rebuild and renew knowledge guided towards the reproduction of demonstrations of user-friendliness and social approach, with direct impact on the citizens' educational and formative culture.

Keywords:

design, education, training, complexity

Introdução

A emergência de novos saberes e a reivindicação de novas competências sociais e profissionais tem colocado a escola perante a difícil missão de responder aos desafios que as sociedades colocam às instituições educativas e formativas, numa dialética indissociável da própria organização social.

Desafios que suscitam uma nova visão das funções da escola e da sua abertura a novas lógicas de educação e formação, que cruzem dimensões e contributos científicos, artísticos e tecnológicos

Paiva, B. (2018). Design, Educação e Formação. Uma visão situada e transversal. DEDICA. REVISTA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES, N.º 13, março, 2018, 153-164. ISSN: 2182-018X

na consecução de estratégias e experiências integradoras e inovadoras.

Na linha daqueles pressupostos, importa considerar o design enquanto área disciplinar com influência didática e pedagógica na formação transversal dos cidadãos, por sua vez repercutida na qualidade das suas ações e na capacidade de descodificação e reinterpretção dos novos códigos e valores que caracterizam o nosso mundo.

Assim, consideramos a pertinência desta reflexão sobre design, educação e formação, para, nessa sequência imergirmos nas dimensões pedagógica e didática do design e daí extrairmos entendimentos sobre a sua importância e vocação curriculares, no quadro dos universos técnicos, tecnológicos e digitais – e numa perspetiva que valide a coexistência de um currículo oculto essencial à alfabetização humana.

Convictos das problemáticas que enformam os princípios subjacentes ao tema em questão, consideramos que a sua abordagem poderá contribuir para a desconstrução da ideia de que o design se circunscreve a um conjunto de práticas orientadas para a projeção de objetos e contextos que se finam na sua materialidade, mas antes, o de se assumirem enquanto património capaz de se afirmar como recurso orientado para a literacia cívica, crítica e criativa dos cidadãos.

Design

Ao longo da história o design vem-se afirmando como prática e recurso essenciais à produção de objetos e contextos que vêm propiciando mudanças fundamentais ao desenvolvimento de atitudes sociais e à melhoria da qualidade de vida.

O reconhecimento da sua importância, há muito consciencializada, e a sua fundação enquanto disciplina transversal ao tempo, apenas adquiriu efetivo estatuto na sequência das revoluções industriais que marcaram o século XVIII e se projetaram nos séculos seguintes, influenciando o modo como as sociedades evoluíram e se transformaram por indução de novas formas de desenvolvimento humano.

No quadro amplo da sua vocação, o design vem-se disseminando por diversas áreas de abordagem e aplicação a partir

da trilogia primária *comunicação/equipamento/espço*, para se alargar a outros domínios tão atuais como o design emocional, o design reflexivo ou o design estratégico – enquanto consequência dos novos tempos que não se compadece com a tangibilidade das coisas, antes com a sua face oculta dissimulada na forma de estar e de ser de cada utilizador e/ou fruidor – pois, há muito se banalizou a máxima de Louis Sullivan, *a forma segue a função*, em benefício e preferência por outra visão atual sintetizada na premissa, *a forma segue a fruição*.

No sentido da clarificação do design, importa proceder a uma tentativa de definição que, resultando do contributo transversal de vários autores, permita uma visão sobre a sua *missão* fundamental, sem que antes se atente à raiz da sua significância.

Assim, design, derivado da palavra latina *designare*, significa *projetar como um todo* – significação que encontra correspondente analogia na língua inglesa como substantivo e como verbo, que apontam respetivamente para *plano*, *intenção*, *propósito* e para *esquematisação*, *projeção* e *simulação*.

Ora, parece fácil inferir da acutilância operativa do próprio design e da genética do seu significado, o argumento fundado no princípio de que o design pretende a consecução de algo tangível, complementado hoje por essa outra dimensão de natureza mais subjetiva e emocional que incorpora a estética no fazer da coisa mediada pela influência da arte (Norman, 2004). Inferência que impõe a necessidade de mencionar o caráter semântico da própria palavra, design, que é a expressão de conexão intrínseca entre técnica e arte (Flusser, 2008), relação que vem declarando hoje o design como uma nova forma de cultura material e imaterial.

O enredo que nos terá permitido desocultar o significado de design, faz antever a dificuldade de estabilização da sua definição geral, em face da diversidade de campos, operações e agentes que tornam inviável um único sentido conceptual.

Detendo-nos em contributos abrangentes, no ano de 2002, o Centro Português de Design e mais tarde, em 2011, o International Council of Societies of Industrial Design, afirmavam o design como uma atividade criativa orientada para a conjugação das qualidades de objetos, processos, serviços e sistemas em ciclos de vida do quotidiano, capazes da humanização das tecnologias e da influência na vida cultural e económica.

Constitui uma definição ampla que integra o homem e a técnica, a vida e a tecnologia, mas que nos obriga a desvelar outras dimensões presentes nas subcamadas da sua influência – a comunicação, o marketing, a inclusão, o consumo e o poder, aspetos essenciais à discussão sobre o design contemporâneo, sintetizados numa ideia integradora orientada para a convergência de agentes e fatores em processos de inteligência cooptada, que validam ideias e as convertem em coisa nova.

Educação

As mudanças operadas na sociedade ao longo do tempo e a complexa rede de relações que alteraram o modo e a forma como os indivíduos se passaram a relacionar, introduz a necessidade de se operar mais rapidamente sobre o desenho de estratégias orientadas para a inculcação de saberes e valores, cuja aceitação social é cada vez mais efémera. Aliás, saberes e valores cuja dimensão conceptual é colocada em causa face à emergência de uma globalização que tudo transformou sob o argumento de um desenvolvimento que se vem revelando instável (Morin, 1999).

Perante estas evidências, as literacias oriundas da função educativa mudaram e hoje a exigência reiterada de novos saberes e de novos comportamentos sociais, coloca a escola formal perante o risco de se assumir como entidade dispensável, face a um outro *sistema informal* tecido sobre o lastro do tempo presente, mais apelativo, mais preparado e, como tal, capaz de mais ampla aceitação.

Essa educação, que parece acontecer sob o espectro da invisibilidade, é determinada pelas novas tendências de fusão interdisciplinar e de aceitação não-standard (Sá-Chaves, 2011), claramente próximas do pulsar variável das sociedades e cuja disposição cultural se assume também em permanente mutação. É no quadro desta complexa rede dinâmica que se coloca a (im)possibilidade de legitimação ética e social de uma educação capaz da inculcação transformadora de novos saberes e da redefinição permanente de competências orientadas para a construção de novos entendimentos sobre o presente e o futuro.

Ora, estaremos então perante uma realidade que exigirá uma visão curricular alternativa, que não exclui, compartimenta e

hierarquiza, mas antes inclui, abre e horizontaliza relações entre diferentes saberes disciplinares, cujas fronteiras se apresentem clara e tendencialmente mais esbatidas. Será perante esta possibilidade, afastada de uma visão tradicionalista do currículo, que poderá garantir-se a coexistência dos equilíbrios e desequilíbrios que caracterizam o cenário que atualmente se coloca a todos aqueles que são objeto da educação, enquanto fim último da construção de si mesmo – ou seja, de uma visão culta e cultural da educação que, sob a mediação de referentes ecológicos, (est)éticos e cívicos, corresponda mais cabalmente aos estímulos dos novos tempos.

Formação

A formação, face de uma moeda participada pela educação, detém essa marca do tempo que o próprio tempo reelaborou sobre o cenário em que mestre e aprendiz chegaram aos dias de hoje como atores (im)prováveis de uma mesma peça. Digamos que, contrariando a lógica de um passado revisitável, mestre e aprendiz são hoje peças cuja identidade funcional se cruza, se funde, resultando dessa *alquimia* algo que prenuncia o depois da diferença.

A autoridade inabalável do saber é hoje instada a pronunciar-se ante o desafio que as novas circunstâncias impõem, já que o que ontem era uma certeza sustentada no conhecimento situado e rigoroso, poderá revelar-se algo que a curva do tempo transformou em dúvida e incerteza. A *formação ao longo da vida* não é, assim, mais uma novidade, uma necessidade anunciada, ela converteu-se em cultura, quando confrontados com a exigência competente da nossa ação profissional e social.

A emergência de novos fazeres, acionada pela vertigem digital das novas formas e suportes de atuação, transformou a definição restrita de competência, *saber em uso*, num lastro amplo de saberes essenciais cujo domínio decorre da fiabilidade de aprendizagens múltiplas que passaram a povoar o universo da nossa ação – ameaçada agora pelos tentáculos da *inteligência artificial*.

O retrocesso é possível? Um retrocesso estratégico que assegure o equilíbrio das ecologias nas quais o homem é fundamental? Conscientes da ambição humana em diferentes momentos da sua história, diremos que a natureza, nas suas diferentes dimensões, sempre estabeleceu limites que, quando

negligenciados, foi gerador de fraturas tantas vezes irremediáveis. Formar, trata-se por isso de uma missão da mais alta complexidade face aos valores que importa defender e às consequências de natureza social e humana que a sua negligência pode representar.

A dúvida que se instalou e que acionou a necessidade de novas lógicas e dialéticas formativas obriga a um questionamento permanente sobre metodologias que entidades de formação e professores implementam nos seus espaços de atuação, espaços que devem configurar rituais de espelhamento que traduzam a aceitação, a eficácia e a adequação da formação aos seus destinatários. Não obstante a tensão latente resultante da situação atual, importa inovar, não negligenciando a história que detém nas suas entrelinhas referências essenciais à salvaguarda de valores fundamentais ao reequilíbrio dos sistemas, sem o qual, os fenómenos de desregulação e perturbação do desenvolvimento social constituirão uma certeza.

Design na educação e formação

A associação do design à educação e à formação induzirá no imediato o leitor ao currículo escolar, a cursos e níveis nos quais faz sentido enquanto área disciplinar que concorre para a aquisição de saberes e competências orientadas para o exercício profissional. Mas, esta disponibilidade reflexiva, sendo complementar, é diversa e está orientada para uma perceção da coisa tangível para, nessa sequência, acedermos a outros níveis de apreciação.

Percecionar o objeto para além da sua anatomia ou função, será algo que permitirá aceder a outras dimensões da sua natureza, fundadas na sua razão de ser, ou seja, na sua génese conceptual, e, desse modo, percebermos a razão da sua existência e da sua *fácies*.

Condição apenas possível se o indivíduo estiver preparado para o universo do sensível, no qual gravitam os estímulos mais improváveis face à disponibilidade de cada um de nós para um universo de imagens e texturas que desenhem no nosso cérebro outras visões de uma realidade que o deixou de ser – ou seja, a possibilidade de reinterpretar o visível e a sua transformação em algo novo, capaz de nos conduzir a outras dimensões da criação e da inovação.

Só assim e face a essa disponível capacidade de leitura para além do visível, será possível a integração de valores estéticos que, por sua vez, permitirão a disseminação e a aquisição de uma cultura essencial a quem se presta contribuir para uma reinvenção *caleidoscópica* do mundo (Greene, 2005).

É nesta condição e perante a abertura a diferentes formas de olhar e interpretar a realidade que será também possível a construção de novas formas de estar e de ser em sociedade, na qual o design tem um papel objetivo e subjetivo essencial, pese embora resida tendencialmente na subconsciência de cada um.

O prazer que decorre desta atitude e da sua influência abre portas a universos improváveis, com particular enfoque na educação para o gosto, ou talvez para um outro nível situado na condição de gostar de gostar – um estado metacognitivo que, despojado do objeto, permite a elevação a outros estratos de natureza especulativa, conducentes a uma filosofia do gosto, na qual, as dialéticas entre o ser e o parecer estarão certamente no cerne de discussões que encontrarão pontos de convergência na inteligência cooptada de cada outro.

Será assim no campo rico e diverso da educação para o gosto, tendo o design como indução e referência, que encontraremos a possibilidade da instauração de um *currículo oculto* que não assumindo o objetivo explícito de se afirmar no quadro tradicional das funções da escola, se afirma no quadro informal das ocorrências que encontram espaço e tempo nos lugares mais improváveis da(s) nossa(s) vida(s).

Quando reorientamos o nosso pensamento para o campo estrito da formação, tendo o design como esteio de referência, tenderemos novamente a recentrar a nossa atenção no papel fundamental e exclusivo da escola – contudo, será prudente atender ao papel formativo que assiste à complexa engrenagem social, hoje refém de múltiplas redes de relação comunicacional, que vão do jornal tradicional às hiperligações digitais que povoam o nosso quotidiano.

Os universos técnicos, tecnológicos e digitais são hoje de uma relevância incontornável no espectro das necessidades humanas, situação que redundou em dependência quase absoluta, já que o seu condicionamento ou falência implica a suspensão do normal funcionamento da vida de um país, com consequências sociais e económicas imprevisíveis.

É no domínio da relação *design/tecnologia* que hoje se verifica uma particular interdependência disciplinar e uma complexa teia de afinidades geradora de dinâmicas de conhecimento com implicações profundas no desenho dos novos processos de formação, sendo que a metodologia e a cronologia das ações não se compadece com as lógicas tradicionais, face à emergência imposta pela dinâmica agressiva dos sistemas.

No quadro desta problemática, importa referenciar o design como mediador e acelerador das aprendizagens, por vocação comunicacional e participação funcional no largo espectro de aplicações disponíveis – acentuando-se neste âmbito a importância das novas literacias, orientadas para a interpretação e gestão dos novos códigos de comunicação aplicados aos intercontextos físicos, digitais e sociais.

Neste universo da educação e da formação, tendo o design como argumento associado, merece referência o papel do designer enquanto profissional e cidadão, e nesse sentido a responsabilidade social a que está obrigado, face ao impacto que a sua ação pode determinar na vida dos cidadãos e da sociedade – trata-se portanto de um assunto da máxima relevância, não só pela implicação social de que se reveste, mas também e fundamentalmente, enquanto mediador na aquisição de competências e na construção de um conhecimento que agilize e prepare os novos profissionais e cidadãos.

Pedagogia e didática em Design

A dimensão pedagógica do objeto e do contexto reportada ao design incorpora, para além da sua materialidade, uma componente imaterial que confere a essas realidades uma função pedagógica e determina nos seus utilizadores um conjunto de hábitos e competências que lhes permite não só o seu entendimento, como ainda a qualificação de atos que constituem o prolongamento de si próprios – uma pedagogia que redundará numa educação para e pelo objeto e contexto.

A evolução do design ao nível da função, mas fundamentalmente da sua plástica, vem introduzindo características nos seus discursos, morfologias e poéticas que lhe têm conferido uma singularidade e uma capacidade de sedução geradora de novas

formas de interpretação, uso e fruição, por sua vez influenciadoras da reelaboração da inteligência funcional e estética dos seus destinatários. Situam-se neste domínio a inteligência visual, perceptiva e motora, transformadas e/ou condicionadas pelo papel do design aplicado ao objeto e ao contexto e determinadas pela forma como o homem converte as suas rotinas em facto cultural.

O entendimento do design para além do objeto e do contexto, quando perspetivadas sob os pontos de vista ecológico e de sustentabilidade, introduz e potencia a discussão à volta da problemática ambiental e logo, sobre a necessidade de se encontrarem soluções mais amigáveis sob o ponto de vista produtivo e de ciclo de vida. Direta e indiretamente, o design assume uma pedagogia que, decorrente da consciencialização de que o planeta é limitado quanto aos seus recursos e à sua capacidade de regeneração, propicia o debate sobre a necessidade de se encontrarem soluções alternativas que, em diferentes fases, possam atenuar os efeitos nocivos da produção e do consumo excessivo de novas artificialidades.

No campo estrito da educação, observamos também, ao longo dos tempos a participação do design enquanto recurso aplicado às suas práticas, introduzindo a sua vertente reflexiva enquanto metodologia processual orientada para o projeto e a materialização de ideias – lógica apropriada pelas ciências da educação na formação de professores, tendo por referência lógicas formativas implementadas em arte, arquitetura e design (Schön, 1992).

A didática e o design constituem, por sua vez, áreas que, por excelência, se aproximam sob o ponto de vista técnico e científico, já que se encontram intrinsecamente ligadas às produção de objetos e contextos potenciadores da aprendizagem ao longo da vida.

É inegável a adoção de objetos nas estratégias didáticas aplicadas ao ensino, hoje amplificadas pelas tecnologias digitais, dotadas de novos códigos e disseminadas em diferentes redes de contacto social. É um vasto campo interdisciplinar orientado para a resolução de múltiplos problemas aplicados ao ensino e à formação, campos nos quais o design surge como participante no modo como se faz, mas também e de forma crescente, na forma como se age e se aprende, através de recursos didáticos com elevado impacto sobre o aprendente, polarizando a autonomia do aluno e potenciando uma

maior empatia e identificação com os novos modos de interação e aprendizagem imediata por via dos recursos digitais.

Conclusão

Não se trata de assumir o objeto e o contexto como prolongamento do corpo, mas antes como forma de os converter em inteligência através do contributo que o design pode aduzir aos atos e factos que resultam da ação humana e desse modo viabilizar uma interpretação mais apurada dos significados do mundo contemporâneo, através da construção de um pensamento social que redunde em competências de convivialidade e de aproximação social.

Bibliografia

- Bürdek, B. (2011). *História, teoria e prática do design de produtos*. São Paulo: Edgard Blücher.
- Cachapuz, A. et al (2004). *Saberes básicos de todos os cidadãos no séc. XXI*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação – Ministério da Educação.
- Flusser, V. (2010). *Uma filosofia do design: a forma das coisas*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Greene, M. (2005). *Liberar la imaginación – ensayos sobre educación, arte y cambio social*. Barcelona: Editorial GRAÓ.
- Lidwell, et al (2011) *Princípios universales de diseño*. Barcelona: Blume.
- Morin, E. (1999). *Os sete saberes para a educação do futuro*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Norman, D. (2004) *Emotional Design*. New York: Basic Books.
- Paiva, B. (2009) *Urbanidade e Educação Cultural - Supervisão e Formação em Educação Artística e Tecnológica*. Penafiel: Editorial Novembro.
- Sá-Chaves, I. (Org.) (2014). *Educar, Investigar e Formar – Novos Saberes*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Sá-Chaves, I. (2011). *Formação, conhecimento e supervisão: contributos nas áreas de formação de professores e outros profissionais* (3.ª ed.). Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Schön, D. A. (1992). Formar professores como profissionais reflexivos. In Nóvoa, A. (Coord.). *Os professores e a sua formação*. Lisboa : Edições Dom Quixote, pp. 77-91.

Paiva, B. (2018). *Design, Educação e Formação. Uma visão situada e transversal*. DEDICA. REVISTA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES, N.º 13, março, 2018, 153-164. ISSN: 2182-018X

Para saber mais sobre o autor...**Bartolomeu Paiva**

ID. ORCID: 0000-0001-5996-4507

Doutor em Design, Mestre em Supervisão, possuindo ainda o título de especialista em Formação de Professores/Formadores e Ciências da Educação. Docente e coordenador da área científica de Artes Visuais da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra, tem vindo a lecionar em cursos de licenciatura, formação complementar, formação especializada e mestrado nas áreas da educação, da arte e do design.

Integrou a Rede de Investigação da Universidade de Aveiro – “Novos saberes básicos de todos os cidadãos no século XXI e novos desafios à formação de professores”, sendo atualmente Investigador Colaborador do Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design (CIAUD) da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa. Autor e coautor de publicações e participante em eventos científicos, educativos, artísticos e culturais nos âmbitos da educação, da supervisão da formação, do design e da arquitetura.